



PERCEPÇÃO E APROPRIAÇÃO AMBIENTAIS, ACESSIBILIDADE E INCLUSÃO: REFLEXÕES SOBRE O USO DO ESPAÇO ESCOLAR À LUZ DA PSICOLOGIA AMBIENTAL

UNP – Universidade Potiguar – Psicologia, campus Salgado Filho.

Estanislaw Luiz de Oliveira; Iris Alves Feitoza Albuquerque; Amanda Feitosa Fernandes; Lidenice Ferreira Lima Lopes; Michele Sanches de Azevedo; Amanda Palhares dos Santos; Valdemir Avelino; Dr^a. **Hellen Chrystianne Lucio Barros** (hellen.barros@animaeducacao.com.br)

Introdução

A psicologia ambiental investiga as inter-relações entre pessoa e ambiente, entendendo-os como um sistema de influências. Ittelson et al. (1974) destacam que o ambiente é ativo, molda subjetividades e opera muitas vezes de forma não consciente, possuindo valor simbólico e articulando dimensões físicas e sociais. Rivlin (2003) amplia essa visão ao incluir o impacto das tecnologias e reforçar a perspectiva holística.

Influenciada por Lewin, Barker, Bronfenbrenner e Gibson, essa abordagem entende mente e ambiente como um domínio relacional. A escola, enquanto microssistema (BRONFENBRENNER, 1996), é um ambiente carregado de significados, onde a percepção ambiental orienta experiências e aprendizagens. A escola, nesse sentido, torna-se um cenário privilegiado para pensar a inclusão e acessibilidade. No Brasil, a acessibilidade é garantida pelo Decreto n. 5.296/2004 e pela Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015), que orientam adaptações físicas, comunicacionais e pedagógicas.

Essas diretrizes legais e o próprio entendimento da escola como um ambiente relacional evidenciam que a inclusão não depende apenas de estruturas físicas, mas também da forma como os sujeitos percebem, utilizam e atribuem sentido aos espaços. Nesse sentido apropriação ambiental, entendida como transformar espaços em lugares dotados de sentido e pertencimento (PROSHANSKY, 1976; TUAN, 1983), é essencial para que alunos com deficiência vivenciem a escola como inclusiva. Quando isso não ocorre, a participação se fragiliza. Estudos mostram que concepções docentes sobre inclusão ainda são fragmentadas, indicando a necessidade de revisão de práticas e entendimentos (MANTOAN, 2015).

Objetivos

Esta pesquisa teve como objetivo analisar como docentes de uma escola pública percebem e utilizam o espaço escolar para promover acessibilidade e inclusão, identificando sentidos pedagógicos atribuídos ao ambiente, dificuldades e preferências de uso e ações que favoreçam participação e pertencimento.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva, voltada a compreender experiências, sentidos e significados atribuídos pelos participantes ao fenômeno estudado (TURATO, 2005). Participaram professores e gestores do ensino fundamental e médio de uma escola estadual de Natal/RN, convidados a relatar como percebem o ambiente escolar, sua acessibilidade e o uso pedagógico dos espaços na promoção da inclusão.

Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, que abordaram práticas pedagógicas, recursos disponíveis, barreiras, potencialidades e percepções sobre o uso e a apropriação dos espaços pelos alunos com deficiência. As respostas foram categorizadas e analisadas segundo a análise temática de conteúdo de base interpretativa (MINAYO, 2004).

Resultados e Discussões

A análise das entrevistas revelou quatro categorias principais: (1) Concepções de Acessibilidade e Inclusão; (2) Acessibilidade Física vs. Atitudinal; (3) Estratégias Pedagógicas e Mediação; e (4) Sentimento de Pertença e Apropriação do Espaço. Na concepção de acessibilidade e inclusão, os professores demonstram uma compreensão ampliada da inclusão, indo além de aspectos legais ou estruturais. Acessibilidade é associada a igualdade de condições e inclusão à participação efetiva. Para alguns, a inclusão envolve também dimensões sociais mais amplas, alinhando-se à ideia de transformar a escola para acolher a diversidade.

Na categoria Acessibilidade Física vs. Atitudinal, aparecem adequações pontuais — como rampas e banheiros adaptados —, mas ainda insuficientes para garantir autonomia. A falta de recursos, pisos táteis, braile e profissionais especializados revela limitações estruturais. Ao mesmo tempo, barreiras atitudinais, como bullying, desconhecimento e negligência, aparecem como entraves maiores à inclusão. Em Estratégias Pedagógicas e Mediação, observa-se que as práticas inclusivas dependem sobretudo da iniciativa individual dos docentes. Há adaptações de materiais, provas e atividades, porém de modo fragmentado e pouco articulado institucionalmente. A mediação, essencial à inclusão, ainda se concentra em alguns profissionais específicos, em vez de envolver toda a equipe escolar.

Por fim, a categoria Sentimento de Pertença e Apropriação do Espaço evidencia que os alunos com deficiência muitas vezes não utilizam os espaços escolares de forma plena. Relatos de isolamento e uso restrito dos ambientes sugerem fragilidades na construção do pertencimento. Ainda assim, alguns casos indicam experiências positivas, mostrando que o sentimento de apropriação depende das relações estabelecidas e do suporte recebido

Conclusões

A análise das percepções docentes mostra que a apropriação do espaço escolar por alunos com deficiência depende da articulação entre condições físicas, práticas pedagógicas e atitudes inclusivas. Apesar de algumas adaptações e iniciativas individuais, persistem barreiras estruturais e atitudinais que limitam a participação plena. Uma inclusão efetiva requer ação coletiva, sensibilização da comunidade e planejamento pedagógico que fortaleça autonomia e pertencimento. Assim, a apropriação do espaço é um processo contínuo de interação entre ambiente, professores e alunos, fundamental para uma escola realmente inclusiva.

Bibliografia

BRONFENBRENNER, Urie. A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados. Artes Médicas, 1996.
ITTELSON, William H.; **PROSHANSKY**, Harold M.; **RIVLIN**, Leanne G.; **WINKEL**, Gary H. An introduction to environmental psychology. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1974.
MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Summus, 2015.
RIVLIN, Leanne G. Olhando o passado e o futuro: revendo pressupostos sobre as inter-relações pessoa-ambiente. Estudos de Psicologia (Natal), v. 8, p. 215-220, 2003.
TUAN, Yi-Fu. Space and Place: The Perspective of Experience. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1983